

**EDUCAÇÃO, ARTE E A CULTURA DA AMAMENTAÇÃO – Céline Lorthiois**  
**Mesa redonda: *Papel da educação na proteção e promoção da amamentação***  
**XI ENAM – I ENACS – 12 de Junho de 2010**

Falarei sobre a importância da **educação** e da **arte**, no fomento de uma cultura da amamentação, dentro da proposta de uma Pedagogia Profunda que adotou a vida por currículo... (e a amamentação, a alimentação saudável, dizem respeito à vida ...)

A Pedagogia Profunda se baseia na psicologia Junguiana, suas ferramentas são, entre outras, as Danças Circulares, os Trabalhos Corporais, e o Trabalho com a Matéria, através de técnicas de artesanato, por exemplo.

Os Trabalhos Corporais que utilizo são os Toques Sutis, a Calatonia, todas técnicas de relaxamento criadas e ensinadas pelo Dr. Sándor Pethö.



**Figura 1: Calatonia nas mãos**

Eles promovem uma regulação do tônus muscular e atuam em todos os níveis do ser: no físico, no mental, no psicológico e no espiritual. Em educação, observo que as crianças que recebem toques sutis criam toques igualmente sutis, tocando seus colegas, criativa e cuidadosamente,.

Tanto os Toques Sutis quanto as Danças Circulares –que considero como trabalhos corporais, pois proporcionam exatamente os mesmos benefícios- e os Trabalhos Manuais, oferecem possibilidades de habitar o corpo. De fato, vivemos numa realidade de imagens, muitas delas mentais. Somos assaltados por imagens, incorporamos imagens externas que não ressoam por dentro<sup>1</sup>...

Um pequeno exemplo, a este respeito: imaginei inserir as bonecas das amigas do peito em ambientes educacionais “para ver o que acontece”; queria saber se elas suscitam brincadeiras relativas à amamentação, ou se promovem algo diferente entre as crianças, comportamentos inusitados, se inspiram jogos maternos e acalentadores... E verifiquei que introduzir bonecos sexuados na escola, pode não ser tão fácil; o entorno vê com desconfiança este tipo de iniciativa.

---

<sup>1</sup> KELLEMAN, S. *Mito e Corpo*. Uma conversa com Joseph Campbell. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

Vi uma professora muito interessada em utilizar os bonecos para familiarizar as crianças, de maneira sadia, com a nudez e a sexualidade. Havia uma clara demanda por parte das crianças. Através de sua curiosidade, de sua malícia até, elas estavam solicitando alguma atenção. Mas a professora desistiu do seu projeto, não se sentindo apoiada e temendo as reações dos pais, dos colegas, e das próprias crianças: e se não conseguisse lidar com as respostas dos alunos? Esta insegurança é compreensível, pois o professor, além de tudo, não dispõe do tempo do qual precisaria para lidar com este assunto tão sério, há os conteúdos curriculares que precisam ser passados...

É preciso reverter este quadro, pois como fomentar uma cultura da amamentação se não conseguimos tocar no assunto do corpo com as crianças? O corpo sentido, vivido pelas crianças... É claro que elas têm um conhecimento da anatomia humana, isso, sim, é passado na escola. Mas por parte de muitos adultos, o corpo é suspeito. Ou seja, nós somos e criamos seres completamente dissociados! Alimentamos a mente da criança quase à força e a mantemos afastada de seu corpo... Não deveríamos instaurar uma cultura do corpo primeiro, para que seja possível fomentar uma cultura da amamentação?

As Danças Circulares, assim como as outras ferramentas da Pedagogia Profunda, são aliadas preciosas neste sentido.

Essas danças dizem respeito, entre outros ciclos e realidades humanas e sobre-humanas, ao processo circular da vida, ao **ciclo do nascer, ser amamentado, ser cuidado, crescer, gestar, parir, amamentar, cuidar e morrer...**

Neste sentido, elas podem contribuir de maneira decisiva para a transformação cultural desejada pelos amigos do peito. Ainda mais quando inseridas numa pedagogia da vida, pois a vida é circular. A vida é dança. Vivemos e dançamos o nascimento dos filhotes humanos, o cuidar das crianças, o casar dos noivos, e todas as celebrações das nossas vidas, assim como tudo aquilo que nasce em nós a cada dia, e tudo aquilo que alimentamos com o fervor da nossa imaginação. Dançamos as nossas reconciliações internas, e tudo aquilo que morre em nós ao fim de cada ciclo...

A prática da Dança Circular coloca um cenário propício à formação de uma profunda cultura da amamentação, enraizada na vida, na nossa vida atual, e na vida das gerações passadas, que codificaram suas experiências nas danças dos povos.

Dançando, afirmamos: **“Meu corpo e sua mente são partes do círculo da existência, um pulsar dentro de um pulsar maior”**<sup>2</sup>. E as Danças Circulares inserem, re-situam o ser humano no interior desse pulsar, tanto quanto os Trabalhos Corporais e o Trabalho Manual.

---

<sup>2</sup> KELLEMAN, id.

Quando o trabalho com a matéria se dá através de técnicas de artesanato,



**Figura 2 : Tecelagem**



**Figura 3 : Cestaria**

ele remete às nossas raízes planetárias. Com efeito, técnicas como cerâmica, cestaria e tecelagem, por exemplo, surgiram, brotaram, por assim dizer, ao mesmo tempo em vários pontos do planeta. Além disso, *matéria*, de maneira geral, diz respeito a tudo o que a Natureza, nossa Grande Mãe, nos oferece, e a este respeito gosto de falar do colo maior que esta Mãe Natureza é capaz de oferecer às nossas crianças<sup>3</sup>...

Mas o contato com a Natureza e com os diversos materiais que ela nos oferece, frequentemente não é facilitado pelos adultos... Muitas crianças vivem em cubículos de cimento e plástico, sem possibilidade de brincar com argila, areia, tinta e água, porque dentro de casa isso faz sujeira, e porque não há possibilidade de sair de casa para ir até o parque: os pais trabalham, assistam TV, limpam a casa... Na escola o quadro pode não estar muito melhor. Já ouvi a queixa de uma mãe que vivia nas condições que acabei de descrever, e cujo filho de 3 anos estudava numa escola toda cimentada, com uma única possibilidade de acesso a um material mais natural, por assim dizer. Tratava-se de areia, contida numa gaveta de bordas altas, que deviam impedir que vazasse e sujasse o chão. Se isso acontecesse, a professora devia imediatamente varrer o chão, abandonando momentaneamente seus alunos. As crianças acabaram ficando com medo desta gaveta de areia! E o menino, queixava-se a mãe, vivia batendo e chutando as pessoas, numa agressividade quase incontrolável, no entanto, acho eu, absolutamente compreensível...

Outro exemplo, que ajuda a tomar consciência da falta de contato com a natureza, na educação contemporânea: uma professora teve a idéia de levar seus aluninhos até o jardim da escola (após ter obtido o consentimento da direção, pois hoje em dia, levar crianças até o jardim não é mais algo corriqueiro!). As crianças correram, olharam as plantas, acariciaram as flores, abraçaram as árvores, deitaram na grama, e uma delas, chegando na classe, disse para a professora: “Estou... estou... tão feliz!” Obviamente, ela não encontrava palavras para expressar um intenso sentimento. Então ela implorou: “Você vai levar a gente pra lá de novo, vai?”

Um passeio lúdico que ‘preenche’ de tal maneira uma criança nos diz muito sobre a privação que está sofrendo. Toda criança deveria ter o direito de usufruir o colo que a Mãe Natureza lhe oferece, de utilizar os materiais da natureza para brincar

---

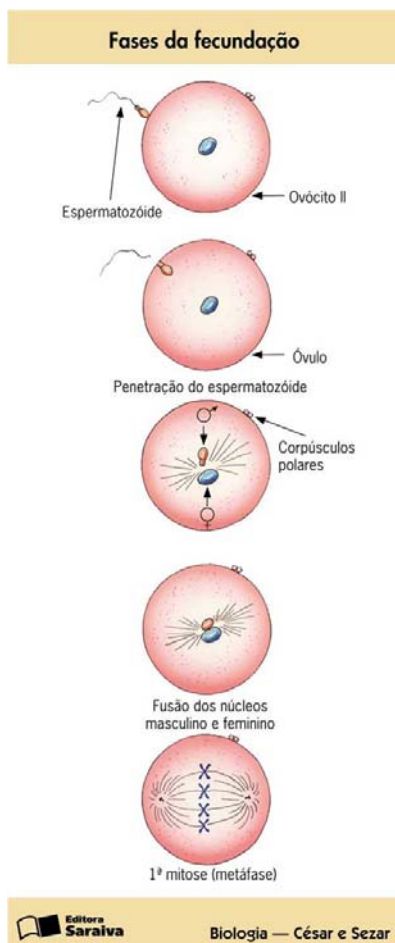
<sup>3</sup> LORTHIOIS, C. “Pedagogia Profunda. Por quê? Para quê? Como?”. **Hermes**, São Paulo, vol. 12, 2000.

e se construir. Esses materiais são instrumentos para crescer... São instrumentos para ser... E aqui precisamente encontramos um terreno propício ao fomento de uma cultura da amamentação.

Pois, esta cultura envolve muito mais do que o ato de amamentar em si, ela precede e vai além deste ato, ela requer uma *postura*, social, cultural e educativa. Já estou falando também de uma cultura do *doar* que se contrapõe à cultura do *consumir*... E para doar é necessário ser.

Então, para lá da meta de uma cultura da amamentação, há um anseio por uma humanidade melhor, e encontrei isso resumido nesta frase de Erich Neumann: “O corpo são é a base de um espírito e de uma psique sadios, e o indivíduo sadio serve de base a uma sociedade saudável.”

E falando em corpo são, voltemos à primeira experiência da nossa vida física, o instante em que um espermatozóide penetra no óvulo. Constatamos que o início da nossa vida na matéria é uma *experiência circular*<sup>4</sup>.



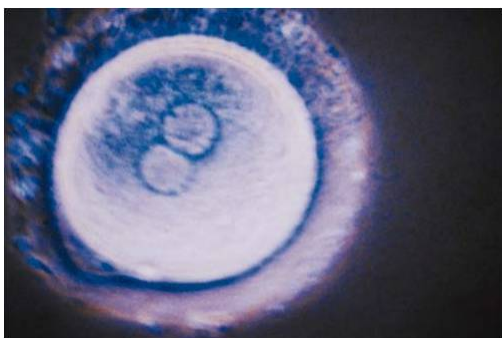
E durante toda a infância, cada criança “lembra”, continua e repete esta experiência primordial. Paulo Machado<sup>5</sup> chama essas reiterações de “experiências de

<sup>4</sup> MACHADO FILHO, P. T.

concauidade”. A infância, vivida em condições adequadas, proporciona essas experiências, através de brincadeiras e das diversas formas de aconchego que a criança costuma receber e procurar: o colo, o aninhar-se no bercinho, o enfiar-se em cantinhos apertados, o recolher-se dentro de caixotes.

As Danças Circulares me parecem oferecer também mil e uma possibilidades de reiterar a experiência circular primordial, a concauidade. Fico especialmente admirada pela maneira como a roda, às vezes, reproduz esta experiência. Por exemplo, na brincadeira de roda: *Rosa de maio*, uma criança que está fora da roda penetra no seu interior, e, se colocando no centro, chama outra criança para perto dela e a abraça. Nesta singela brincadeira, não podemos enxergar uma reiteração do abraço primordial, que ocorre após a penetração do espermatozóide no ovócito, no instante em que os prónucleos masculino e feminino se unem? (4ª fase da fecundação no esquema acima, e fig. 4)

Vi esta roda surgir de repente, em um grupo de atividades pedagógicas que reunia crianças de 2 até 15 anos. No fim de um semestre durante o qual as crianças maiores haviam hostilizado as crianças menores, de repente uma adolescente disse para seus colegas com os quais estava brincando de pisa-pé: “Chega, enjoiei... Vamos



**Figura 4 : ovócito humano logo após a fecundação** <sup>6</sup>

brincar de *Rosa de Maio*?” Todos toparam, e foi um momento muito comovente, porque as crianças menores foram convidados a entrar na roda e foram abraçadas pelas crianças maiores.

Esses pré-adolescentes e adolescentes haviam protestado durante meses contra a presença dos menores no espaço pedagógico, e nós, educadores, acolhemos, demos colo para suas reclamações, seus ciúmes, seu desconforto. E o surgimento desta roda parece testemunhar que a circularidade primordial foi integrada por eles, pois ela foi oferecida na forma de uma dança acolhedora para os menores... *Ou seja, essas crianças maiores foram acolhidas, então elas puderam acolher*. Elas haviam crescido o suficiente para conter os pequenos num abraço circular

---

<sup>5</sup> O antropólogo Gilbert Durand desenvolveu o conceito simbólico da concauidade no livro *Estruturas Antropológicas do Imaginário*. O psiquiatra Paulo T. MACHADO FILHO utiliza a expressão e a referência simbólica na transposição para o psicológico, quando fala de pulsões.

<sup>6</sup> <http://www.palais-decouverte.fr/index.php?id=500> (11/06/10)

De maneira geral, vejo a roda como uma metáfora da maternagem, extremamente sutil e benéfica. E, ainda a respeito da circularidade das experiências em educação, verifico que quando as crianças desfrutam de uma realidade de liberdade e acolhimento, elas costumam devolver essas qualidades. (A este respeito, mostrei um *trecho de uma dança espontaneamente realizada* pelas crianças, na qual elas reiteram, ainda mais intensamente, as suas primeiras experiências de vida na matéria, retratando a vida intra-uterina, e sendo parteiras umas das outras... O vídeo mostra uma roda se formando e girando em volta de uma criança deitada no centro, coberta por um pano. No fim a criança do centro é puxada pelos pés para fora do círculo por integrantes da roda. Todas as crianças se revezaram nos diversos papéis desta coreografia que durou cerca de uma hora.)